

UM POUCO MAIS A RESPEITO DAS VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS DO PORTUGUÊS NO BRASIL

Ana Clara Cardoso Mundim Bosi¹

Roselaine das Chagas²

RESUMO: Este artigo tem por finalidade, apresentar uma análise concisa, mas também, de fato bastante eloquente a respeito da diversidade de vocábulos próprios dos falantes da Língua Portuguesa. Tendo em vista, uma efetiva miscigenação na composição da langue³. Aspectos estes, que vem provocar forte rebuliço em diversas esferas sociais, que deveras constitui-se num material de grande riqueza a ser posto em pauta, não somente por obter características apenas formais e/ou comuns a serem seguidas em nosso cotidiano, mas sim por, de fato serem atuais exemplos, a explicitar, abordar e trazer à tona uma polêmica salutar. Na qual, englobam-se assuntos políticos, econômicos, educacionais, culturais, tradicionais, entre outros temas, que se fazem necessários para uma formação linguística de qualidade nos indivíduos da nação brasileira.

Palavras – chave: Língua Portuguesa, miscigenação, diversidade.

ABSTRACT: The purpose of this article is to present an objective analysis, of the diversity of Portuguese speakers' own words, with a view to an effective miscegenation in the composition of langue³. Aspects of these, which are provoking a great stir in various social spheres, which in fact constitute a material of great wealth to be put on the agenda, not only for obtaining only formal and / or common characteristics to be followed in our daily life, but for , in fact to be current examples, to explain, to approach and to bring up a salutary polemic. It includes political, economic, educational, cultural, traditional, among other topics, which are necessary for a quality linguistic training in the individuals of the Brazilian nation.

Key words: Portuguese language, miscegenation, diversity

1.INTRODUÇÃO

O contexto linguístico que será abordado neste texto científico, apresenta intensamente aspectos da língua bastante ricos e utilizados no dia a dia dos cidadãos brasileiros.

1. Graduanda no curso de licenciatura em letras português/espanhol, pela FUCAMP/FACIHUS – Monte Carmelo/MG. E-mail:anaclaracmb2428@gmail.com.

2.Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia e professora de Língua Portuguesa da FUCAMP. 3. Palavra oriunda do latim, que significa: língua

E vem, à tona abordar-nos temas: diversidade do vocabulário dos falantes de uma mesma região e/ou de um mesmo estado, também como, características próprias de cada diálogo local, ou estratégias deveras pessoais, a fim de que cada sujeito trave seu diálogo de acordo com o contexto que melhor lhe convém no momento do colóquio, entre outros pontos a serem explicitados com a suma finalidade de se manter a comunicação, respeitando as diversidades.

Contextualmente abrem-se portas para que se seja indagado, quais são os pontos a serem julgados. Em pauta, vem-nos aflorar verdades sociais dadas quando nos colocamos a questionar/duvidar: Qual fora o início, para dadas dúvidas, a respeito da pronuncia de cada falante? Ser brasileiro, é pronunciar os vocábulos-padrão, sem sequer se posicionar mediante à sua identidade cultural? Quais foram as situações que propiciaram o acontecimento deste chamado desvio linguístico, proposto por alguns linguistas cânones? Quês aspectos sociais influenciaram, ou influenciam e certamente, influenciarão intensamente no falar dos brasileiros? Quando a pluralidade perpassa o linear linguístico pertencente ao individual do sujeito? Estamos todos vinculados a mudança. Porém será que de fato, a temos como aceita em nosso pensamento racional? Em geral, nos é proposta uma análise a ser feita na qual, o momento cujo analisamos nosso dever a ser posto em prática, tais questionamentos começam levemente a fazer-nos algum sentido.

Sequencialmente refletindo a respeito do tema deste estudo, percebemos delicadas características advindas de cada falante, que particularmente, tem o papel de promover uma comunicação respeitosa e sumamente adequada às culturas e peculiaridades do convívio cotidiano das pessoas de diferentes regiões espalhadas por todo país. Interferindo drasticamente no falar, pois o peso/responsabilidade comunicativa, nelas contidas advém da miscigenação entre os diversos povos dentro de uma mesma nação, o Brasil, e tem como proposta visionária a promoção do respeito mutuo entre vários sujeitos, para que a segregação cultural, linguístico-social, e até mesmo individual, dentre outras formas de preconceito/discriminação, que se apresentam como verdadeiros vilões de uma sociedade mais justa e humanitária, sejam de uma vez por todas eliminados.

1.2. Desvios linguísticos: caminhar na contramão do sucesso comunicativo?

Sem dúvida alguma, os chamados ‘desvios linguísticos’, são casos a serem pensados, assim como nos revela Marcos Bagno (2009 apud CRYSTAL 1987, p. 328): “As línguas estão sempre

num estado de fluidez. A mudança afeta o modo como às pessoas falam de forma tão inevitável, quanto afeta qualquer outra área da vida humana.”

Desta forma, compreendemos a necessidade de cada vez mais, estarmos em constante construção de pensamentos, estudando e nos capacitando para entender melhor os saberes cotidianos. Sendo sujeitos empíricos em extrema atividade, a fim de ter como resultado, melhorias na qualidade comunicativa, tanto individual, quanto coletiva.

Assim sendo, o hábito de leitura, escrita, interpretação e colóquios, passa a ser deveras responsável pela capacidade de comunicação e aprimoramento intelectual, podendo deste modo agregar saldos positivos aos indivíduos envolvidos neste novo universo de aprendizagem. Pois somente eles, irão saber utilizar seu vocabulário de forma coerente para a obtenção de uma comunicação de excelência. Esses indivíduos estão de fato, preparados, atualizados e integrados ao meio em que vivem, podendo dialogar com outras pessoas a respeito da Língua Portuguesa e suas variantes.

Neste contexto, percebe-se que hoje, a globalização através da internet, nos proporciona uma vasta gama de ferramenta muito valorosas capazes de expandir as culturas de cada região e reproduzi-las em seu cotidiano sem que seja afetada a sua identidade.

Por este olhar, nota-se por meio de charges, “stand ups”, vídeos, piadas, filmes, seriados, músicas e até mesmo cordéis, entre outros gêneros de comunicação; que, foi formado um ambiente frutuoso aos jovens que se dedicam e trabalham com diversificados temas. Cada um, em sua específica região, como alguns exemplos de cantores, compositores e youtubers: Felipe Neto, Whindersson Nunes, Júlio Cocielo, Luísa Sonza, Marcelo Jeneci, Anavitória, etc. Famosos que usam termos típicos de suas regiões: “forró rala buxo”, “arriar”, “pode pá”, “top”, “valeu”, “tú” etc.

Contextualizando, vemos meios convenientes para expansão cultural, puderam também ser identificados em autores consagrados. Ícones legítimos, representantes de uma época passada, mas que, deixaram marcas completamente essenciais para o enriquecimento do léxico nacional. Foram alguns deles: Maria Betânia, Luiz Gonzaga, Gilberto Gil, Zé Ramalho, Euclides da Cunha, Lima Barreto, etc. Com o intuito de explicitar melhor um período repleto de marcas culturais, que deveras perduraram até os dias atuais, apresento-lhes neste artigo, parte da esplêndida composição nordestina, Asa Branca:

Quando olhei a terra ardendo

Qual fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação
Que braseiro, que fornalha
Nem um pé de plantação
Por falta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão

Na apresentada obra de Luiz Gonzaga, vemos expressões típicas da região nordeste, como por exemplo: “terra ardendo”, “tamanha judiação”, “que braseiro”, entre outras palavras oriundas de uma linguagem que tem um efeito de sentido carregado de afetividade decorrente do contexto histórico de que partem.

De fato, mostrando tamanha intensidade, na realidade nordestina, fez também brotar uma metáfora do demasiado sentimento de sofrimento por causa da aridez da região, na qual, a ave, asa branca, migra para outro local em busca de sobrevivência. Ato este, que se repete por um rapaz(eu-lírico) ao mudar da região. Prometendo voltar um dia para os braços da sua amada. Assim sendo, uma legítima composição banhada de sentimentalismo perante a realidade do Sertão Nordestino.

Sob uma nova perspectiva, é notória a variação linguística também na atualidade, como por exemplo no trecho da letra da canção “trevo” de Anavitória:

Ah, eu só quero o leve da vida pra te levar
E o tempo para, ah
É a sorte de levar a hora pra passear
Pra cá e pra lá, pra lá e pra cá
Quando aqui tu tá

Tu é trevo de quatro folhas
É manhã de domingo à toa
Conversa rara e boa
Pedaco de sonho que faz meu querer acordar
Pra vida

Na letra apresentada é possível notar casos de manifestação léxico-cultural que apresentam mesmo significado, mas que são utilizadas especificamente em colóquios de diferentes regiões, como por exemplo na expressão “à toa”, que no Sul do país tem como sinônimo o termo “calanguear”. Assim sendo, um regionalismo.

Contextualmente, temos também variações linguísticas que mesmo pertencendo a um único país, apresentam variantes de região para região ou dentro de sua própria região como é o caso da região norte, por causa de grande influência indígena, onde existem muitos “dialetos dentro de uma só região”. Como por exemplo, o kuikuru, língua indígena da família Karib, localizada no Parque Nacional do Xingu, no Mato Grosso, estado da região Norte brasileira.

Outro exemplo neste contexto, pode ser observado, em Minas Gerais, onde encontra-se o chamado “mineirês”, uma língua usada de maneira particular, pelos legítimos mineiros, na região sudeste do Brasil.

Uma grande quantidade de indivíduos, infelizmente, ainda se mantém alienados às realidades sociais. Pessoas estas, que guardam a crença de que, no Brasil fala-se somente uma língua. Isso não é verdade. Porque é possível notar na Língua Portuguesa grande variação de região para região, de estado para estado, sem deixarmos de salientar a respeito da língua dos nativos do Brasil, antes da colonização de 1500, a língua indígena.

Dialogando sobre o léxico da nação brasileira, é preciso expor que ao falar de outros povos, a língua dos índios, mesmo que depois de se passarem muitos anos, ainda é usada por diversas tribos.

Deveras não podemos nos esquecer também, da linguagem das diversas de colônias que migraram para o nosso país e edificaram suas vidas em diferentes regiões brasileiras. Dando luz a estas palavras, um grande pesquisador e linguista de prestígio, explana que, no Brasil: “são faladas mais de dezenas de línguas diferentes, entre línguas indígenas, línguas trazidas pelos imigrantes europeus e asiáticos, língua surgidas das situações de contato nas extensas zonas fronteiriças com os países vizinhos, além de falarem diversas línguas africanas trazidas pelas vítimas do sistema escravista.” Bagno (2008, p. 27).

A nação brasileira é muito ampla quando observamos sua extensão territorial, e sua rica miscigenação populacional, cada povo, região, cidade, localidade e unidade. Apresentando-se extremamente especiais e com características próprias. Ou seja, é um país muito marcante e magnífico, tanto em extensão, quanto culturalmente.

Neste contexto vemos que, segundo Ilari (1989, p. 19),

Os estudos sobre a formação do português do Brasil mostram que nossa língua sempre esteve cindida entre uma norma lusitanizante e uma norma tipicamente brasileira, e que dessa duplicidade do passado deriva o enorme hiato que hoje separa o português escrito das pessoas letradas e o português efetivamente usado pelo povo. A linguística tem trabalhado no sentido de valorizar os usos reais e de tomar a língua falada pelos educandos como ponto de partida para o aprendizado da língua escrita culta; a mídia tem trabalhado, no mais das vezes, no sentido de estigmatizar as formas populares, aprofundando o hiato. No fogo cruzado entre as duas posições está o professor de português que, honestamente interessado em proporcionar o melhor a seus alunos, hesita entre uma e outra linha de conduta.

Sem fugir ao tema tratado, é possível dialogar a respeito do porquê tais variações se dão. Pois os contextos históricos da sociedade, que apresentam realidades completamente discrepantes ao tratar-se de um sujeito ao outro, tem um enfoque muito marcante. Principalmente se delatarmos sobre fatores de prestígio social, cujo somente as classes mais favorecidas, tem acesso de educação de qualidade e todas as regalias /direitos, que deveriam ser de todos os cidadãos, porém são apenas de uma pequena parte da população. Fato este, bastante presentes no cotidiano da população, que tristemente só tem a proporcionar saldos negativos ao enriquecimento linguístico e social como um todo.

A respeito deste assunto, é notória a marcante desigualdade da sociedade, que irá diretamente afetar no dialeto dos falantes brasileiros. Pelo fato de, não somente nos setores da educação, da renda per capita, da saúde, da alimentação, do transporte público, dentre outros fatores calamitantes sofridos pelos que estão à margem da sociedade; muitas vezes advém da falta de políticas públicas no Brasil.

Contextualmente, se tratando de divergências culturais em ambiente escolar, é possível observar que infelizmente, a escola caminha rente ao domínio das camadas de prestígio social. Conforme Santos (SANTOS, 1996, p.18), para esses grupos é importante que a identidade destes seja mantida, e um dos indícios de seu status é a pluralidade da língua que usam. Neste contexto, o autor mencionado (SANTOS, 1996, p.18) analisa que:

“A escola recebe a missão de “fixar” e de transmitir essa variedade, ou seja, preservar o valor distintivo dessa variedade da língua e garantir-lhe a continuidade. Isto faz com que a escola assuma compromissos que vão determinar suas crenças e atitudes em relação á língua. A defesa da variedade prestigiada e o combate às outras, ou seja, o aspecto ativo da crença na superioridade da variedade que ensina leva a escola ao conhecido tipo de ensino prescritivo – proscritivo.”

Sendo assim, dever crucial da escola, e de seus integrantes promover um ambiente propício à igualdade social, sem discriminações, ou intolerâncias às diferenças de cultural/social presentes no meio educacional.

CONCLUSÃO

A nação brasileira é extremamente única e diversificada em diversos aspectos. Sejam eles, econômicos, culturais ou sociais. Fato este, que nos faz refletir a respeito da variação linguística, que está intrínseca às línguas.

Ao longo deste artigo, fora possível observar que, o linguajar dos diferentes sujeitos, irá modificar ao que se refere ao contexto (formal/informal), ao sexo, à região de origem, à profissão, ao estilo pessoal dos falantes, entre outros motivos característicos de uma comunidade.

Após refletirmos e questionarmos a respeito do assunto tratado neste trabalho, podemos concluir que é de suma importância o interesse, a pesquisa, o constante fazer docente. Sendo assim, faz-se necessário que o pensamento dos educadores seja, sempre manter uma formação continuada. Sendo esta também, muito reflexiva, aprofundada e atualizada a respeito da Língua Portuguesa e suas variantes.

Desse modo, a escola sendo um forte berço para a formação do intelecto, da criticidade, entre muitos outros componentes importantes para a composição de indivíduos imersos em contexto tanto pessoal, quanto intrapessoal. Vemos que, o professor sendo efetivo agente no meio estudantil, tem a finalidade de conhecer as diferenças, que de fato ocasionam-se em contextos culturais, e também em linguísticos, de seus aprendizes.

Desta forma, os profissionais em educação, estando inteirados, de que cada indivíduo é único, e ao pisar na sala de aula, ele sempre apresentará sua própria bagagem cultural. Os docentes têm o dever de esclarecer que, a variação é algo natural e que deverá ser aceita e aderida á comunidade. Sendo assim, livre de preconceitos.

Contudo, é notável o papel do mestre, no qual deverá incluir os conhecimentos prévios de cada um, conhecendo suas vivencias e fazendo com que todos envolvidos, estejam cientes de seus direitos e deveres, perante a sociedade como um todo.

No entanto, mesmo a escola sendo ambiente fértil para a formação do psíquico, também não se pode deixar de salientar que estas obrigações são também, de vital importância à sociedade como um todo. Libertando-nos, no nosso dia-a-dia, dos opositores do bem: os preconceitos (contrários a construção de um mundo melhor).

Deste modo, entrando em comunhão com diversificados saberes. Na constante busca de se obter a possibilidade da construção de novos conhecimentos com base na realidade cultural de cada

Um pouco mais a respeito das variações linguísticas

um, enriquecendo cada vez mais o léxico da nação, tão crucial em qualquer momento da vida humana.

REFERÊNCIAS:

ANAVITÓRIA. **Trevo**. Goiânia. Disponível em: <<https://genius.com/Anavitoria-trevo-tu-lyrics>>. Acesso em 29 jun. 2018.

BAGNO, Marcos. *A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira*. 8. ed. São Paulo: Parábola, 2009.

BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz?* São Paulo: Loyola, 2008.

ILARI, R. *Linguística e Ensino da Língua Portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

LUIZ. **Asa Branca**. 1947. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/luiz-gonzaga/47081/>>. Acesso em 29 jun. 2018.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza, (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

SANTOS, Emmanoel. *Certo ou errado? Atitudes e crenças no ensino da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Graphia, 1996.